

G-7 mantém políticas coordenadas

por Peter Norman
do Financial Times

A reunião dos representantes do Grupo dos Sete (G-7) dos principais países industrializados no último final de semana estabeleceu o princípio de que uma política coordenada não precisa envolver vários países que seguem as mesmas políticas ao mesmo tempo.

Embora os Estados Unidos não tenham conseguido seu objetivo a curto prazo de levar a Alemanha a cortar suas taxas de juro, as discussões entre os ministros das Finanças e diretores dos bancos centrais dos Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Inglaterra, Itália e Canadá abrirão o caminho para taxas de juro mais baixas nos próximos meses.

O comunicado foi precedido por um ritual já tradicional de se discutir bastante as divisões entre os sete, de tal forma que cada participante possa afirmar que suas opiniões prevaleceram.

A delegação alemã poderá observar — para sustentar sua recusa de cortar as taxas de juro — que a parte final da declaração conjunta do G-7 destacou seu “objetivo comum de crescimento sustentado com estabilidade de preços” (ver matéria no quadro).

O comunicado também “destacou a importância de políticas fiscais e monetárias que forneçam a base para taxas de juro mais baixas e uma recuperação econômica global sustentada, com estabilidade de preços”.

“Os ministros das Finanças do G-7”, diz ainda a declaração, “acreditam que essa estratégia a médio prazo é a melhor maneira de reduzir os riscos potenciais e as incertezas da atual perspectiva”.

Os Estados Unidos, que expuseram com destaque seu receio de uma recessão global nas últimas semanas, poderão ficar confortados com um reconhecimento — contido no comunicado — de que existe uma persistência de altas taxas de juro reais e uma desaceleração da atividade econômica em países que até recentemente experimenta-

vam uma vigorosa expansão.

O G-7 superou as divergências entre seus membros, decidindo “observar atentamente a situação e adotar as medidas necessárias dentro do processo de coordenação, tendo em vista a consecução de uma saudável recuperação e uma economia mundial crescente”.

Os Estados Unidos esperam que essas palavras exerçam certa pressão sobre a Alemanha para que não aperte sua política monetária para combater o que considera como pressões inflacionárias germinantes.

Ontem, o subsecretário do Tesouro para assuntos monetários internacionais, David Mulford, afirmou que, na sua opinião, a Alemanha hesitará em aumentar as taxas de juro depois da reunião.

O ministro das Finanças da França, Pierre Bérégovoy, disse durante a reunião que poderá reduzir suas taxas de juro neste ano.

Outras observações de Bérégovoy sugerem que o G-7 adotou uma estratégia, traçada na semana passada pelo Fundo Monetário Internacional em sua Perspectiva Econômica Mundial, de cortar as taxas de juro à medida que os mercados financeiros o permitirem.

O ministro francês disse que os mercados mundiais de títulos governamentais a longo prazo estão dando sinais claros para que se reduzam as taxas. “Compete às autoridades monetárias não desampontar os mercados.” Os participantes do G-7 “reafirmaram seu compromisso de cooperar estreita-

mente nos mercados de câmbio”, mas, por outro lado, nada fizeram para conter o vigor atual do dólar.

Houve sinais depois da reunião de que alguns ministros e diretores de bancos centrais são de opinião de que o dólar pode estar chegando ao seu ponto máximo.

Bérégovoy disse que os fatores políticos, e não os elementos econômicos fundamentais, estão mantendo o dólar forte.

O presidente do Bundesbank, Karl Otto Poehl, disse no domingo que a economia alemã está comprometida pelos mercados financeiros “a vender um pouco mais do que pode”, mas que esta situação se corrigirá por si mesma.

“Nem tudo é desgraça e desalento na Alemanha”, disse ele.